



# Fragmentos da gripe espanhola em versos e poesias

Erica Ell - Denise Oliveira e Silva - Juliana Ubarana - Danielle Cabrini

**E**ntre 1918-1919, uma severa pandemia atingiu a humanidade, causada pela virulência do vírus Influenza A, do subtipo H1N1, propagou-se rapidamente entre os países e continentes<sup>1</sup>.

Embora se desconheça sua origem geográfica e tenha sido denominada de “espanhola”, provavelmente pelo fato de muitas das informações a respeito da doença terem sido veiculadas pela imprensa da Espanha, país que se manteve neutro durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), não censurando seus jornais quanto às notícias sobre a epidemia, como ocorria nos países em guerra, o primeiro caso observado foi nos Estados Unidos em março de 1918, no Texas, e uma semana depois, em Nova Iorque<sup>2</sup>.

No Brasil, inicialmente a doença foi acompanhada à distância pelos jornais e a população não demonstrava muita preocupação, por considerar que devido a distância entre os continentes não se propagaria no território nacional. No entanto, a partir de setembro de 1918 a gripe chegou no país

trazida por navios que aportaram em portos do Nordeste, como o inglês Demerara, que esteve em Recife e Salvador naquele mês de setembro. Em pouco tempo a doença atingiu várias cidades nordestinas e no final de outubro já atingia quase todas as grandes cidades do país, como Rio de Janeiro e São Paulo<sup>2</sup>.

Considerada a maior epidemia da história, estima-se que ao passo que a Primeira Guerra Mundial, matou em torno de 8 milhões de pessoas, a gripe espanhola foi fatal para mais de 20 milhões de seres humanos em todo o mundo. Nada matou tanto em tão pouco tempo. No Brasil, apesar de registros imprecisos, estimou-se mais de 35 mil mortes em todo o país, no período pandêmico<sup>1</sup>.

Essa epidemia mudou drasticamente o dia-a-dia das pessoas e as instruções e medidas de combate eram muito similares às estratégias adotadas hoje para o enfrentamento da pandemia do coronavírus.

No entanto, apesar dos novos conhecimentos científi-

co-tecnológicos, do monitoramento internacional para tentar isolar doentes e possíveis focos de contaminação, e das pesquisas para a fabricação de uma vacina que são fundamentais para ajudar no controle do coronavírus atualmente, ainda esbarramos em muitos dos dilemas políticos, econômicos, sociais e de saúde de 1918. Naquela época a luta contra a doença necessitava de médicos, remédios, muita comida e, também, de informação e limpeza, principalmente nas populações pobres<sup>2</sup>. Poesias e versos ajudavam na contextualização dos problemas, como a do poeta paulistano Miguel Meira, de novembro de 1918, trazendo orientações sobre a necessidade do cuidado, das condições sociais e de saúde<sup>1</sup>:

BARATEAR A VIDA, EIS A PRIMEIRA  
MEDIDA, QUE AO GOVERNO JÁ PROPUZ...  
OBRIGAR A LAVAR-SE A QUEM NÃO QUEIRA,  
NO BRÁS, NO CAMBUCI, NA LAPA E LUZI!...  
DÁ FOME A GRIPE, É FILHA E DA SUJEIRA,  
TRANSMITE-SE NO ESCARRO E PELO PÚS...  
EVITAR DAR A MÃO! DESTA MANEIRA  
É QUE O MAL SE PROPAGA E REPRODUZ!  
ALIMENTADO O CORPO E BEM LAVADO,  
A CASA VARRIDINHA, ONDE SE MORA,  
JURO! NÃO HAVERÁ UM SÓ GRIPADO!...  
SEM ISSO, TODO O POVO A PERNA ESTICA,  
E COM PÃO A CADA HORA,  
- SALVO SÃO PAULO INTEIRO SEM BOTICA!...

(Jornal do Commercio, 8/11/1918, p. 6)

As ações governamentais da época eram voltadas aos cuidados aos doentes e socorrer os familiares dos gripados mais pobres, por meio de postos de socorro e hospitais provisórios, e os profissionais da área de saúde atuaram intensamente em todo o país. Entre os leigos a solidariedade cresceu na mesma proporção que aumentou o número de enfermos e mortos devido à doença. O agravamento das condições sociais e da fome que assolava a população, na época, contou muito com o espírito de solidariedade entre as pessoas, que ajudavam a angariar e a distribuir remédios e alimentos; prestar auxílio aos gripados e seus familiares; e fazer donativos às entidades (como a Cruz Vermelha Brasileira), que organizaram socorro aos doentes<sup>2</sup>.

Atualmente em meio a uma Pandemia, a tragédia é que ainda a melhor maneira de sermos solidários uns com os outros é isolarmo-nos uns dos outros e nem sequer nos tocarmos. Não serão possíveis outras? Indaga Boa Ventura Santos<sup>4</sup>.

## Referências

1. Bertucci-Martins, L.M. “CONSELHOS AO POVO”: EDUCAÇÃO CONTRA A INFLUENZA DE 1918. Cad. Cedes, Campinas, 23 (59): 103-117, 2003. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/0917.pdf>
2. Bertucci-Martins, L.M. Gripe A, uma nova “espanhola”? Rev Assoc Med Bras 2009; 55(3): 229-50. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-42302009000300001](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42302009000300001).
3. Gurgel, C.B.F.M. 1918: a gripe espanhola desvendada? Rev Bras Clin Med, São Paulo, 11(4), 2013:xx-xx. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/1679-1010/2013/v11n4/a4129.pdf>
4. Santos, B. V. A Cruel Pedagogia do Vírus. Portugal, Almedina, 2020.